



A REALIDADE DO GERENCIAMENTO DA ATIVIDADE LEITEIRA DA REGIÃO FRONTEIRA NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL¹

Ana Carolina Nüske², Cilione Gracieli Santor,³ Fabio Antonio Elger⁴, Gustavo Griebler⁵, Mario Luiz Santos Evangelista⁶, Valm Ir Heckler⁷

INTRODUÇÃO: A Região Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul possui aptidão para o agronegócio da cadeia produtiva primária, com integração para frente e para trás, buscando a otimização dos recursos físicos, materiais e humanos, mediante a diferenciação no setor agropecuário, tendo por base a produção de alimentos com tecnologias limpas e renováveis. Essa diferenciação se dá pela diversidade edafoclimática da região e que favorece o desenvolvimento do setor agropecuário. A Fronteira Noroeste apresenta 9,4 % do leite produzido no Estado, possuindo em torno de 32 mil produtores, com uma produção média diária de 760 mil litros. A referida região é composta por 20 municípios. **MATERIAL E MÉTODOS:** A presente pesquisa é classificada como exploratória porque procura ampliar os conhecimentos pertinentes ao assunto pesquisado. E também é considerada como bibliográfica porque é amplamente baseada em fontes de autores que abordam a temática em questão. Quanto aos procedimentos, foram utilizados neste estudo, que seguiu uma abordagem quantitativa, os seguintes métodos: histórico, comparativo e estatístico. O método histórico referiu-se a dados e informações já existentes a respeito da atividade leiteira da região, e que serve de embasamento para a presente pesquisa. O método estatístico diz respeito à realização de uma pesquisa de campo com 125 entrevistas, com os produtores rurais dos 20 municípios da Fronteira Noroeste/RS. A pesquisa, modo formulário, teve 95% de grau de confiança e 8,75% de margem de erro. **RESULTADOS:** Na Região Fronteira Noroeste observa-se que há existência de grandes diferenças de produção leiteira média entre os municípios. O município de Santa Rosa apresenta-se como a maior produção média, o qual possui produção de 8,5 L/dia/animal ordenhado. Mas por outro lado, o município de menor produtividade é o município de Porto Lucena com uma média de 4,95 L/dia/animal ordenhado. Esses dados revelam uma baixa média de produção de litros por animais ordenhados, o que indica uma necessidade de avanço da utilização das tecnologias existentes dos setores de insumos e produção. Em relação ao preço médio recebido pelos produtores de leite versus a faixa de produtores, verifica-se que 99% dos pequenos produtores receberam de R\$ 0,31 a R\$ 0,40 por litro de leite, 86% dos médios produtores tiveram ganhos entre R\$ 0,36 a R\$ 0,45 e 62% dos grandes produtores obtiveram um preço pelo litro de leite que variou de R\$ 0,41 a R\$ 0,45. Outro dado significativo observado na pesquisa se refere ao número de vacas ordenhadas, o sistema de ordenha e o tipo de resfriador de leite utilizado na propriedade. Conforme dados obtidos pela pesquisa, percebe-se que os grandes produtores possuem em média 42 animais em lactação, 100% utilizam o tipo de ordenha mecanizada canalizada e 100% usam o tipo resfriador por expansão. Em relação aos médios produtores, estes apresentam a média de 17 animais ordenhados; 66% também utilizam a ordenha mecanizada e 80% usam o resfriador de imersão. Por sua vez, os pequenos produtores de leite apresentam um plantel médio de 7 animais ordenhados, sendo que a ordenha manual



representa 39%, e 59,7% é mecanizada. Dentre os pequenos produtores, 52,24% usam o resfriador por imersão para o resfriamento do leite. Outro fator que está diretamente ligado ao perfil do gerenciamento da produção leiteira é o número médio de horas por dia, dedicado exclusivamente pelos produtores a esta atividade. Ao analisarem-se os dados, observa-se que a maioria dos produtores dedica em média de 2 a 5 horas diárias à atividade leiteira na sua propriedade. Verifica-se que aproximadamente 22% das pessoas entrevistadas trabalham de 6 a 10 h diárias, de dedicação exclusiva à atividade leiteira. Apresenta-se o percentual do número de pessoas que residem nas propriedades produtoras de leite, observando-se que em 56% delas vivem de 3 a 4 pessoas, 23% apresentam de 5 pessoas ou mais pessoas, o que caracteriza que na ampla maioria das propriedades leiteiras existe um grande número de pessoas residentes. Do número total de pessoas que vivem nas propriedades envolvidas neste estudo é importante verificar, qual o percentual de pessoas que se envolvem diretamente com a atividade leiteira e, ao analisar-se os dados, visualiza-se que em 69% dos casos, apenas 1 ou 2 das pessoas são envolvidas na atividade leiteira. Um dado que se pode ressaltar é que 27% dos produtores de leite, utiliza mais do que 3 pessoas para desenvolver a referida atividade. Ao analisar-se o contexto do número de pessoas envolvidas na atividade leiteira, interessa saber se o setor utiliza mão-de-obra contratada ou não. Neste sentido, a resposta é que em 11% das propriedades produtoras é absorvida mão-de-obra contratada e em 89% delas não, o que caracteriza que a produção leiteira da região em estudo é extremamente familiar. Se tratando de propriedades que exigem contratação de mão-de-obra, pode-se observar que o número de pessoas contratadas em 75% dos casos, não ultrapassa de 2 pessoas. No que se refere ao gerenciamento de forma informatizada, a pesquisa revelou que nas propriedades rurais, apenas 3% delas estão informatizadas e 97% não utilizam a informática como ferramenta gerencial na propriedade. Este dado simplesmente demonstra a não exploração da informatização na propriedade, dificultando a armazenagem de informações e o uso de planilhas de controle. Quando questionado sobre o controle financeiro da atividade leiteira, este, acontece em 51% das propriedades pesquisadas, mas não em 49% delas. O controle pouco efetivo, ou considerado de menor importância pelos produtores, é demonstrado no deficiente gerenciamento de determinadas propriedades rurais. Também se percebe este descaso com o controle financeiro no momento em que o produtor é questionado sobre seus gastos, lucros e investimento, onde as respostas quase sempre são confusas e inexatas. Entre os que fazem o referido controle, é preocupante o fato de 55% dos entrevistados assegurarem realizar um controle financeiro não escrito, ou seja, aquele controle que chamamos de “controle mental”. Sendo que a perda de informações importantes é algo muito comum e inevitável neste tipo de controle. O controle manual, que também não é muito eficiente e confiável, ocupa 39% do sistema de controle. Apenas 6% dos que fazem controle financeiro utilizam um sistema computacional. CONCLUSÕES: A partir desse estudo, foi possível identificar os fatores que interferem na atividade leiteira da Região Noroeste/RS. A partir disso, foi possível a realização de um diagnóstico das propriedades rurais, a partir da estratificação dos produtores referente à sua produção, o qual favorece a visualização de diferentes aspectos de produção, tecnologia e remuneração. Os pequenos e médios produtores rurais normalmente não realizam gerenciamento adequado de suas propriedades, de forma que não possuem indicadores e dados para tomada de decisões acertadas em relação às suas



atividades. No que tange aos aspectos dos grandes produtores, recebem uma maior remuneração pelo produto produzido, por uma série de razões, entre elas, destaca-se: o gerenciamento da propriedade, o sistema de ordenha, totalmente mecanizado e o sistema de resfriamento do leite, por expansão, ou seja, a granel. Além, da quantidade de animais ordenhados e a higiene e manejo dos animais. Também pode ser inferido, a partir dos resultados obtidos, que a região em estudo, dotada de aptidão para o agronegócio e que já está em destaque no Estado por conta de sua produção, possui possibilidades de crescimento ao se analisar a cadeia produtiva como um todo e se ver os pontos fortes que propulsionam a região e os fracos que podem ser melhorados e contribuir para a agregação de valor. Apoio: FAPERGS.

¹ Pesquisa

² Acadêmico de Engenharia de Produção Agroindustrial da Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM e Bolsista FAPERGS - E-mail: aninhacarol.ana@gmail.com

³ Acadêmico de Engenharia de Produção Agroindustrial da Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM e Bolsista FAPERGS. E-Mail: cilisantor@yahoo.com.br

⁴ Acadêmico de Engenharia de Produção Agroindustrial da Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM e Bolsista FAPERGS. E-Mail: fabioelger@gmail.com

⁵ Acadêmico de Sistemas de Informação da Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM e Bolsista FAPERGS. E-Mail: gustavogriebler@gmail.com

⁶ Professor doutor. Faculdade Três de Maio – SETREM. E-mail: mario.evangelista@terra.com.br

⁷ Professor mestre. Faculdade Três de Maio – SETREM. E-mail: valmirheckler@setrem.com.br